A formação do licenciando em filosofia na Universidade Federal de Alagoas/UFAL¹
La formación del estudiante de posgrado en filosofía en la Universidad Federal de Alagoas / UFAL

José Aparecido de Oliveira LIMA²
Elizabeth Amorim de Almeida MELO³

Resumo: Nesse construto, objetivamos discutir alguns aspectos que envolvem a formação do licenciando(a) em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como: elementos importantes do PPC do Curso; a importância das disciplinas pedagógicas; a relação entre teoria e prática; a formação docente inicial e a prática docente do futuro professor de Filosofia. Entendemos que no processo de formação do(a) professor(a)-pesquisador(a) de Filosofia é essencial o desenvolvimento de experiências teóricas e práticas que possibilitem ao(à) licenciando(a) a transposição didática, ou seja, transformar o conteúdo erudito em algo acessível ao(à) aluno(a) do Ensino Médio (RODRIGO, 2009). Para isso, faz-se necessário um(a) professor(a)-pesquisador(a) bem formado(a).

Palavras-chave: Formação inicial. Licenciatura em Filosofia. Ensino de Filosofia. UFAL.

Resumen: Este trabajo pretende discutir sobre algunos aspectos de la formación de licenciados en filosofía de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL), tales como: los elementos importantes del PPC del curso; la importancia de las disciplinas pedagógicas; la relación entre teoría y práctica; la formación inicial docente y la práctica docente del futuro profesor de filosofía. Entendemos que, en el proceso de formación del profesor-investigador de filosofía, es esencial el desarrollo de experiencias teóricas y prácticas que posibiliten al graduado la transposición didáctica, es decir, la transformación del contenido académico en algo accesible para el estudiante de secundaria (RODRIGO, 2009). Para ello, es necesario un profesor investigador bien formado.

Palabras clave: Formación inicial. Licenciatura en Filosofía. Enseñanza de Filosofía. UFAL.

<http://dx.doi.org/10.24024/23585188v13n1a202035045>

¹ Artigo apresentado no EDUCON 2016, no Eixo Temático 18: Formação de Professores. Memória e Narrativas. Orientação: Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes, da Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/UFAL.

Alguns aspectos aqui expostos também já foram tratados no TCC defendido em 2015 no Curso de Filosofia/UFAL. Ver: LIMA, José Aparecido de Oliveira. *A importância do conhecimento filosófico na formação do licenciado em Filosofia e do aluno do Ensino Médio*. Maceió/AL: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Curso de Licenciatura em Filosofia | UFAL, 2015. Mimeo.

² Professor de Filosofia da Rede Estadual de Alagoas | doutorando em Educação | PPGE/CEDU/UFAL | mestre em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL. E-mail: aparecido.filosofia@gmail.com

³ Professora do Centro de Educação – CEDU/UFAL. Doutora em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). Mestre em Educação (FE/UNICAMP). Licenciada em Filosofia (UFAL). E-mail: elizabeth.amorim@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho procura discutir alguns aspectos que envolvem a formação do(a) licenciando(a) em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como: elementos importantes do PPC do Curso; a importância das disciplinas pedagógicas; a relação entre teoria e prática; a formação docente inicial e a prática docente do futuro professor de Filosofia.

É importante ressaltar que concebemos a relação entre teoria e prática como algo inseparável (PIMENTA, 2004). Desta forma, o debate sobre a formação inicial dos(as) licenciandos(as) envolve, necessariamente, a formação dos(as) próprios(as) professores(as) formadores(as); as práticas curriculares e os discursos (ditos e não ditos) no interior do Curso de Filosofia; a prática docente do(a) futuro(a) professor(a) em formação e a concepção de Filosofia, de homem (antropologia) e de conhecimento (epistemologia). Em outros termos, todos esses aspectos estão intrinsecamente relacionados.

As Diretrizes Curriculares Nacionais e o Curso de Filosofia da UFAL

Atualmente, os Cursos de Filosofia no Brasil seguem as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN/2002). Este documento rege tanto as licenciaturas quanto os bacharelados em Filosofia e deixa claro os objetivos pretendidos:

- Capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento;
- Capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política;
- Capacidade para análise, interpretação e comentários de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica;
- Compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais;
- Percepção da integração necessária entre a filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir pessoal e político;
- Capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos;
- Capacidade de leitura e compreensão de textos filosóficos em língua estrangeira;
- Competência na utilização da informática (DCN, 2002, p. 3).

Como é possível perceber, esse documento descreve as habilidades e as competências desejadas para o(a) professor/pesquisador(a) em Filosofia, ou seja, não faz distinção entre o licenciando e o bacharel dessa área.

Além disso, o documento também busca orientar a elaboração do Projeto Político dos Cursos de Filosofia no nosso país. Como é um documento oficial do Ministério da Educação – MEC –, deve ser seguido e respeitado.

Seguindo essas diretrizes gerais, o Projeto Político do Curso de Filosofia da UFAL (PPC de Filosofia, 2006, p. 16) afirma que o(a) graduando(a) em Filosofia deve apresentar: sólida formação de História da Filosofia, que capacite para a compreensão e a transmissão dos principais temas, problemas, sistemas filosóficos, assim como para a análise e a reflexão crítica da realidade social em que se insere.

A partir desse documento (PPC de Filosofia da UFAL, 2006), inferimos que o(a) formando(a) deve adquirir o conhecimento filosófico ao longo do Curso, de tal forma que sirva de base para o processo de ensino e aprendizagem do(a) discente de graduação e futuro docente da disciplina de Filosofia.

Além disso, espera-se que: “O licenciado deverá estar habilitado para [...] despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente.” (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 16).

Embora esteja explícito no PPC do Curso o perfil do(a) discente que se deseja formar, ou seja, o(a) futuro(a) professor(a) de Filosofia do Ensino Médio, esta não é uma problemática bem resolvida

nas práticas curriculares diárias no interior do Curso. Em outros termos, embora o Curso de Filosofia da UFAL se constitua uma licenciatura, no cotidiano das práticas curriculares – como: posturas dos(as) professores(as) na sala de aula da UFAL; palestras proferidas; incentivo aos trabalhos de cunho puramente teórico; etc. –, é possível perceber o tom bacharelesco dado ao Curso. Assim, o dito (no documento) fica como não dito (nas práticas curriculares).

Ainda de acordo com o PPC de Filosofia, o(a) futuro(a) docente deve: “Dominar o conhecimento da realidade em que está inserido, para ser capaz de melhor interferir nessa realidade.” (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 16).

Diante do exposto, fica claro que é preciso uma formação de qualidade, na qual o conhecimento filosófico adquirido na graduação passe pelo processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio, buscando tornar os sujeitos da escola sujeitos críticos da realidade que é construída socialmente. Outro aspecto que merece destaque é a preocupação com a realidade e o cotidiano do(a) aluno(a) e da escola, ou seja, uma Filosofia que deve estar fincada/cravada na práxis.

Mas, qual é o perfil do(a) professor(a) da graduação? Como deve ser o(a) professor(a) que forma outros(as) professores(as)?

Infelizmente, essas questões não estão explícitas em nenhum documento oficial. Entretanto, pensamos que é essencial que o(a) professor(a) do Curso de graduação busque olhar o(a) licenciando(a) como futuro(a) professor(a). O(a) professor(a) deve observar o(a) aluno(a) de graduação, como aquele(a) licenciando(a) que busca adquirir o conhecimento filosófico na Universidade, para, depois, realizar a transposição didática (FAVARETTO, 2011) desse conteúdo no seu ofício como futuro docente, para, assim, desempenhar na sala de aula do Ensino Médio o papel de “ponte” entre o conhecimento adquirido inicialmente na graduação e os(as) alunos(as) da educação básica. O(a) licenciando(a) pode até se tornar pesquisador(a) de um curso de pós-graduação, mas o objetivo de uma licenciatura é formar o(a) professor(a)-pesquisador(a) (Artº 2º, Inciso IV e Artº 3º, Inciso III da Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002).

Ainda segundo o PPC de Filosofia da UFAL, o Curso é formado por seis eixos que compõem o Ordenamento Curricular na formação do conhecimento do(a) discente em Filosofia. São eles:

Quadro 1 – Eixos Curriculares e Respectivas Disciplinas do Curso de Filosofia da UFAL

EIXOS	DISCIPLINAS
PROPEDÊUTICO	- Língua Portuguesa I e II; - Metodologia Científica; - Oficina de Textos Filosóficos; - Introdução à Filosofia; - Sociologia.
HISTÓRICO	- História da Filosofia Antiga I e II; - História da Filosofia Medieval; - História da Filosofia Moderna I e II; - História da Filosofia Contemporânea I e II.
PEDAGÓGICO-FILOSÓFICO	- Profissão Docente; - Política e Organização da Educação Básica no Brasil; - Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem; - Projeto Pedagógico, Organização e Gestão do Trabalho Escolar; - Pesquisa Educacional; - Filosofia e Educação; - Libras – Língua Brasileira de Sinais; - Estágios Supervisionados I, II, III e IV.
TEMÁTICO-REFLEXIVO	- Ética; - Estética; - Lógica; - Teoria do Conhecimento; - Problemas Metafísicos; - Filosofia da Linguagem; - Filosofia Política; - Filosofia das Ciências; - Antropologia Filosófica.
INVESTIGATIVO	- Metodologia da Pesquisa Filosófica; - Trabalho de Conclusão de Curso.
MÓVEL	- Disciplinas Eletivas.

Fonte: Quadro construído a partir do PPC de Filosofia (2006).

A partir dessa organização curricular que visa à formação do docente, o(a) futuro(a) professor(a) de Filosofia deve desenvolver algumas das habilidades e competências em cada eixo, desenvolvendo aptidões para a leitura, a reflexão e a escrita em relação ao **Eixo Propedêutico**, segundo o PPC de Filosofia (2006, p. 21).

Buscam, através do **Eixo Histórico-filosófico**, adentrar no conhecimento do contexto histórico da Filosofia, ou seja, o(a) graduando(a) deve obter o conhecimento, em linhas gerais, sobre o que foi a Antiguidade, a Idade Média, a Modernidade e a Contemporaneidade (PPC de Filosofia, 2006, p. 22).

Com relação aos elementos que compõem a prática docente, tais como, o ensino-aprendizagem, a teoria-prática e a relação entre Filosofia e Educação, o **Eixo Pedagógico-filosófico** deve buscar refletir sobre a docência através de vias dialéticas (PPC de Filosofia, 2006, p. 22).

O **Eixo Temático-reflexivo** deve ajudar o(a) graduando(a) a conhecer e a problematizar os variados temas que são objetos da Filosofia e como eles podem ser tratados de acordo com cada momento e por cada pensador(a) ou filósofo(a), utilizando, para isso, também as disciplinas eletivas do curso (PPC de Filosofia, 2006, p. 23). Com isso, diante destes conhecimentos, o(a) licenciando(a) buscará, através do último eixo, o **Eixo Investigativo**, praticar pesquisas problemáticas para as conclusões das disciplinas e, posteriormente, para a conclusão do Curso (PPC de Filosofia, 2006, p. 23).

Assim, podemos perceber que em toda a organização curricular, o conhecimento é organizado com o objetivo de formar professores(as) e filósofos(as), ao mesmo tempo, através da Ética, da Estética, da História da Filosofia (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea), segundo o documento em questão, o PPC de Filosofia (2006).

Porém, mesmo diante das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2002) – acerca do ensino; da obrigatoriedade das disciplinas pedagógicas; do significado do termo “licenciatura” e de sua ligação com a formação de professores(as) de Filosofia para a prática docente no Ensino Médio – o Curso de Licenciatura em Filosofia da UFAL parece viver uma “crise de identidade”, traduzindo nesses termos.

Por quê?

Porque o Curso de Filosofia não assume a sua identidade enquanto Curso de Licenciatura que forma professores(as)-pesquisadores(as) de Filosofia para o Ensino Médio. No cotidiano do Curso, podemos perceber questões não ditas propriamente, mas que ficam subentendidas, como: Formar filósofos(as) ou professores(as) de Filosofia? Bacharelado ou Licenciatura? Ensino ou Pesquisa? É possível tratar sobre Ensino de Filosofia na pesquisa de conclusão de curso ou não?

Entre essas discussões e questões, não podemos perder de vista um fato essencial: todos(as) os(as) docentes do Curso de Filosofia da UFAL fizeram concurso público para serem professores de um Curso de Licenciatura; e que os(as) alunos(as) – graduandos(as) do Curso – prestaram vestibular ou ENEM para o Curso de Licenciatura em Filosofia. Nesse sentido, ter dúvidas ou levantar questões sobre a natureza do Curso de Filosofia da UFAL parece perda de tempo, ou “crise de identidade”, na nossa opinião.

Faz-se necessário repetir: o Curso de Filosofia da UFAL é uma licenciatura.

Então, qual a validade de se indagar: O Curso deve buscar formar professores(as)-pesquisadores(as) de Filosofia para a educação básica?

Consideramos tal indagação desnecessária, pois ela demonstra a atitude de resistência em relação à licenciatura, por parte da maioria dos(as) professores(as) do Curso.

Ora, todo(a) graduado(a) em Geografia é geógrafo(a); em História é historiador(a); e por que o(a) graduado/professor(a) em Filosofia não pode ser também filósofo(a)?

Indagamos: Formar professores(as) de Filosofia não implica formar o(a) pesquisador(a) também? Em relação à Filosofia, um(a) pesquisador(a) não pode ser professor(a) e um(a) professor(a) não pode ser um(a) pesquisador(a)? Um(a) professor(a) de um Curso de Bacharelado (seja ele qual for) não é professor(a)?

Essas problemáticas constam, até mesmo, no PPC de Filosofia da UFAL (2006, p. 19):

Enfatizamos que nos nossos cursos ainda predomina uma certa resistência quanto ao tratamento dessas questões. Estamos mais preocupados em formar estudantes que estejam preparados para serem bons pesquisadores e para ingressarem nos cursos de pós-graduação do que em formar bons professores, como se formar um bom pesquisador não implicasse também formar um professor, ou em formar um professor não implicasse formar um pesquisador.

Diante de tal problemática, como fica o(a) licenciando(a) em Filosofia na UFAL?

O(a) licenciando(a) também fica/entra em “crise de identidade” e tem dificuldade de entender as atitudes dos(as) professores(as) que resistem em relação à função/natureza do próprio Curso de Licenciatura da UFAL, ou seja, formar professores(as)-pesquisadores(as) de Filosofia para o Ensino Médio.

É importante ressaltar que, no cenário nacional, há elementos que deveriam contribuir para a mudança de atitude e de mentalidade entre os(as) professores(as) do Curso de Filosofia, em todo território brasileiro, pois, nos últimos anos, houve/há um intenso debate sobre a importância do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, ganhando, inclusive, a atenção da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), que, a partir de 2012, criou o GT sobre Filosofia no Ensino Médio, evento bienal. Em 2016, a ANPOF aderiu ao programa de pós-graduação em rede, criando o Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO.

Outra iniciativa importante, a nível nacional, foi a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que é patrocinado pelo Governo Federal desde 2008 (CAPES, 2008) e busca incentivar os(as) alunos(as) de graduação a participarem da vivência em sala de aula nas escolas públicas. O Curso de Filosofia da UFAL aderiu ao Programa em 2011 (OLIVEIRA, 2011).

A UFAL criou em 2013 o Programa de Ações Interdisciplinares (PAINTER/UFAL), que possibilita aos(as) graduandos(as) vivenciarem a interdisciplinaridade por meio da pesquisa, do ensino e da extensão. Em relação ao Ensino de Filosofia, o PAINTER teve o desenvolvimento de dois projetos (MELO, 2012; 2014a).

Noutras palavras, mesmo com todo o debate sobre a importância do Ensino de Filosofia no Ensino Médio e com todo investimento que vem sendo aplicado nos últimos anos, ainda há muita resistência dos(as) professores(as) do Curso de Filosofia da UFAL em relação à função da licenciatura: formar professores-pesquisadores(as) de Filosofia para atuar no Ensino Médio.

Entretanto, emblemático é o próprio PPC de Filosofia da UFAL afirmar sobre a necessidade de se formar professores(as) dessa área e da importância que a Filosofia tem para a sociedade, de uma forma geral, e para os(as) licenciados(as) em Filosofia, em particular:

O Curso de Filosofia da UFAL, através de seus professores e estudantes, ao fazer sua reestruturação, procurou partir da realidade concreta. Refletiu sobre a forma como se organiza, educa e prepara os indivíduos para viverem nele mesma; sobre os conhecimentos e as experiências historicamente acumuladas, tanto pelo conjunto da humanidade, quanto pelo próprio Curso [...] o Curso de Filosofia tem um papel importante a desempenhar, pois se, por um lado, a realidade, a educação e a Filosofia são determinadas, por outro lado, também são determinantes sociais. [...] Não se trata de política em detrimento da educação ou da Filosofia, nem fazer política educacional ou de fazer Filosofia desconsiderando a dimensão política. Trata-se de, consciente e intencionalmente, fazer política e cultura fazendo educação e filosofando (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 5).

Contudo, apesar do exposto até o momento, é preciso entender que o conhecimento filosófico, adquirido no Curso de Graduação em Filosofia e na disciplina de Filosofia no Ensino Médio, pode ter um papel transformador no nosso Estado, na sociedade e, principalmente, na vida do indivíduo em particular, seja ele(a): professor(a), graduando(a) ou aluno(a) do Ensino Médio.

Uma coisa é essencial para a melhoria do Curso de Filosofia da UFAL: uma reformulação curricular que possa contribuir de forma positiva para a formação de professores(as)-pesquisadores(as), focando na necessidade de se obter uma base conceitual aprofundada e adequada para que o(a) fu-

turo(a) professor(a) possa adquirir habilidades para trabalhar o conhecimento aprendido na Universidade dentro da sala de aula, de forma significativa para os(as) alunos(as) do Ensino Médio (LIMA, 2014). É imprescindível insistir nessa necessidade: adequar a base conceitual do que se estuda nas Universidades com os olhos no público-alvo, que, neste caso, são os(as) alunos(as) de Filosofia do Ensino Médio.

Segundo Lima (2000, p. 203),

[...] a partir dos parâmetros curriculares propostos pelo Ministério da Educação, a filosofia tende a se constituir como disciplina no currículo escolar, o que exigiria um professor qualificado para o ensino dessa disciplina. Entenda-se qualificado, aqui, como alguém que, em princípio, graduou-se em filosofia e que possui habilitações didático-pedagógicas específicas para o ensino de filosofia no Ensino Médio. No entanto, e na maioria das universidades brasileiras, o graduado em filosofia não tem formação suficiente para exercer tal atividade, ou exerce de forma precária, por causa dos conteúdos, muitas vezes, panorâmicos das disciplinas da licenciatura.

A Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio exige que o(a) graduando(a) e o(a) futuro(a) professor(a) de Filosofia possua uma formação prática e teórica acerca do conhecimento filosófico, para, assim, agir como “ponte” mediadora entre o conhecimento filosófico e o(a) aluno(a) das escolas públicas de Ensino Médio. Em outros termos, o conhecimento filosófico que historicamente era destinado apenas à elite, hoje deve e pode estar disponível para todos(as), de forma democrática na sala de aula. Para isso, depende do compromisso de todos(as) os(as) professores(as) com a socialização do conhecimento filosófico, seja na Universidade ou nas escolas de nível médio.

A importância das disciplinas pedagógicas para a formação do(a) professor(a) de Filosofia

Consideramos que as disciplinas pedagógicas do Curso de Filosofia da UFAL, principalmente as disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, normalmente ministradas por professores(as) do Centro de Educação, podem e devem fazer a sua parte no que concerne à necessidade de formar bons(as) professores(as) de Filosofia, que devem dominar o seu ofício de professor(a), na teoria e na prática. Elas (as disciplinas pedagógicas) devem propiciar ao(à) estudante de licenciatura uma proximidade com a realidade escolar, por meio da disciplina Filosofia no Ensino Médio, ou seja, conhecer a sala de aula e interagir com os sujeitos educacionais do universo escolar.

Nesse aspecto, Matos (2013a, p. 45) afirma que

Os livros, as grandes teorias, as escolas de pensamento cumprem uma função específica dentro da sua formação, mas não são tudo, nem definem, a priori, o modo de atuar como docente. É necessário atentar para a realidade, que é muito mais rica e complexa, e rever, à luz de suas provocações, todo esse volume de saber sistematizado, o qual, por sua vez, origina novos estímulos em face dessa realidade sempre dinâmica.

Assim, as disciplinas pedagógicas e os Estágios Supervisionados em Filosofia podem buscar propiciar ao(à) licenciando(a) um conhecimento acerca da educação, em geral, e sobre o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, em particular. Esse contato com o contexto educacional deveria ser do início ao fim da graduação. Entretanto, o(a) licenciando(a) só tem contato com o estágio a partir da metade do curso, no quinto (5º) período, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica nos cursos de licenciatura (Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002),

No PPC de Filosofia da UFAL (2006, p. 22-23) afirma-se que

As disciplinas pedagógicas exigidas por lei como espaços de formação básica de um professor de segundo grau e, na medida do possível, já nesse momento, tais disciplinas poderão se preocupar com a formação básica de um professor de Filosofia, dimensionando suas reflexões a partir da problemática filosófica do ensino da Filosofia.

Ainda segundo o PPC de Filosofia/UFAL (2006, p. 07), a disciplina de Estágio Supervisionado tem a responsabilidade de articular o ensino, a pesquisa e a extensão, no entanto, seu maior objetivo é superar “a fragmentação teórico-prática”.

Esse objetivo previsto para as disciplinas de Estágio Supervisionado apenas cumpre a proposta presente na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (9394/96), parágrafo único do Art. 61, que assegura que a formação dos profissionais da educação básica terá como um dos fundamentos “a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço.”

No Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia I, II, III e IV têm se desenvolvido através de visitas às escolas para um breve levantamento da realidade escolar, que vai da comunidade que circunda o colégio, até seus espaços interiores; além de se fazer entrevistas com os professores de Filosofia que já exercem a atividade docente nas escolas públicas do estado (MELO, 2014b). Corroborando com essa prática, Matos (2013a, p. 45) afirma que: “Não se trata mais de construir teoria sobre teoria e ficar no blábláblá.”

Elas (as disciplinas de Estágio) problematizam questões que envolvem o planejamento de aula e estudos sobre os desafios e os problemas que envolvem o ensino filosófico. Buscando associar de forma intrínseca a teoria e a prática docente, essas temáticas começam a fazer parte do cotidiano do(a) graduando(a) de Filosofia bem antes dele adentrar a sala de aula como um(a) professor(a) de ofício, ou seja, dentro desse campo teórico-prático do estágio, busca-se enfatizar a produção de unidades temáticas da filosofia, planejamentos de aulas para a efetivação dessas propostas em sala de aula. E no último estágio, o estudante/estagiário assume a regência de aulas de Filosofia em uma escola pública (MELO, 2014b; LIMA, 2015).

É preciso que o(a) aluno-discente(a) e futuro(a) docente esteja inserido(a) na realidade a ser vivenciada por ele(a) num futuro próximo, de forma interna (teoria universitária) e de forma externa (prática e experiência escolar), pois, assim como afirma o professor do Curso de Filosofia da UFAL, Dr. Artur Bispo dos Santos Neto, “A educação acontece no cotidiano, mediante todo movimento de exteriorização e interiorização” (SANTOS NETO, 2014, p. 25).

Noutras palavras, o processo de formação do conhecimento do(a) futuro(a) professor(a) deve acontecer em meio aos muros da Universidade, mas em comunhão com a realidade e a experiência da escola pública, fora dos muros da academia.

É importante frisar que, na maioria das vezes, o(a) graduando(a) de Filosofia tem o primeiro contato com o Ensino de Filosofia no Ensino Médio e com a realidade escolar apenas a partir da disciplina de Estágio Supervisionado, no 5º período, ou seja, ele tem uma experiência tardia com esse contexto e seu futuro campo de trabalho (LIMA, 2014).

Segundo Matos (2013a, p. 39),

O aprendizado docente e a construção de específicos saberes profissionais passam por toda sua trajetória de vida. Não é por acaso que nos tornamos professor/professora; e muito menos que nos direcionamos a este ou àquele campo do conhecimento. A formação inicial oferece instrumentos e deve preparar-nos o caminho, abrindo horizontes para o exercício pertinente à docência. Mas é no trabalho pedagógico desenvolvido no chão da escola que efetivamente configuramos nosso jeito peculiar de ser e de atuar, conferindo-nos uma identidade, em permanente mutação.

É cabível salientarmos que o conhecimento adquirido através dos estudos sobre as metodologias de ensino para a disciplina Filosofia no Ensino Médio - os quais os estágios vêm proporcionando aos(as) licenciandos(as) do Curso de Filosofia da UFAL - tem sido riquíssimo para a formação e a prática do(a) futuro(a) docente. Com esse conhecimento, o(a) aluno-estagiário(a) aprende a planejar aulas de Filosofia significativas para aplicar no Ensino Médio.

Sua proposta de desenvolvimento se realiza tanto na academia, com análise e debate de textos sobre o Ensino de Filosofia, como também se realiza nos trabalhos de campo, através de estudos de casos (entrevistas e observações), na sala de aula, com os(as) alunos(as) e com os(as)

professores(as) em exercício, conhecendo a realidade da escola pública de perto (MELO, 2014b).

Diante disso, o(a) futuro(a) professor(a) de Filosofia, em meio aos exercícios dos Estágios Supervisionados, começa a configurar e a construir a sua identidade enquanto futuro(a) docente, ou seja, deixa evidente ao(à) licenciando(a) a importância do processo de formação do(a) professor-pesquisador(a).

Nessa perspectiva, Matos (2013a, p. 46) afirma que:

Também é preciso ter em conta que não é o simples fato de concluirmos uma graduação que nos torna um professor/professora. Tal identidade vai sendo construída, progressivamente e dialeticamente, mediada pelo exercício da docência. Dessa forma, pensamos que não existe o professor a priori – pronto –, nos moldes desses “pacotes pedagógicos” tão divulgados em tempos de “qualidade total”. Vamos nos tornando professores, mediados pelo trabalho pedagógico que desenvolvemos no chão da escola.

Portanto, os Estágios Supervisionados têm se constituído como estudos teóricos e práticos, tendo como principal intenção a formação dos(as) licenciados(as) que passam a transformar o complexo conhecimento filosófico da academia em conhecimento acessível, claro e instigante para os(a) alunos(a) do Ensino Médio.

Ensino de Filosofia: teoria e prática

Partimos do pressuposto de que o conhecimento filosófico é importante para a formação humana, de uma forma geral. Dessa forma, é imprescindível uma reflexão sobre a relevância desse conhecimento na formação do(a) licenciando(a) do Curso de Filosofia, pois ele(a), futuramente, exercerá o papel de sujeito intermediário entre o conhecimento filosófico e o(a) aluno(a), no processo de ensino e aprendizagem.

É possível constatar na História da Filosofia, precisamente a partir de seu nascedouro, na Grécia Antiga, que sempre houve a preocupação com o levantamento de questões voltadas para a investigação e a problematização sobre o real, sem que, necessariamente, apresentasse respostas prontas, ou seja, a posição filosófica sempre buscou ser mais indagativa e questionadora do que lugar de resposta decisiva e inquestionável.

Nessa perspectiva, concebemos o papel do(a) professor-pesquisador(a) de Filosofia como aquele(a) que incentiva a(s) pergunta(s), e não necessariamente a(s) resposta(s). Ele(a) deve agir como um fio condutor, mediando o conhecimento filosófico e o(a) aluno(a), e vice-versa. Como afirma o professor Junot Cornélio Matos (2013b), utilizando-se de “Zaratustra” para lembrar as ideias do filósofo Nietzsche:

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo./ É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar. O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um acaso. (MATOS, 2013b, p. 28).

Saber/aprender sobre a necessidade de se obter o conhecimento enquanto um construto humano é indispensável. Nesse sentido, consideramos que o(a) professor(a) pode assumir este papel de mediador(a) ou de fio condutor entre o conhecimento filosófico e o(a) aluno(a) na sala de aula.

A prática e a teoria sobre o Ensino de Filosofia servirão como bases metodológicas do(a) professor(a) diante das problematizações dos(as) alunos(as) em sala de aula. Essa base teórica e metodológica serão os principais instrumentos do(a) professor(a) em busca de formar indivíduos questionadores e, acima de tudo, indivíduos com autonomia crítica de pensamento.

Nesse sentido, o(a) licenciando(a) em Filosofia, no percurso da sua formação, deve procurar desvelar os meios práticos e teóricos que serão essenciais para a consolidação de seu exercício enquanto futuro(a) docente. Destarte, é importante a busca pelo pensar como exercício do criar (LIMA, 2000), ou seja, o(a) futuro(a) professor(a) não pode apenas conceituar e reproduzir o conteúdo na sala de aula, mas criar a partir do conhecimento que foi adquirido em sua formação, de forma prazerosa e instigante, juntamente com os(as) alunos(as), no chão da sala de aula (ARROYO, 2011).

Mas, qual(is) filosofia(s) ensinar?

A Filosofia enquanto forma de conhecimento é uma unidade. Entretanto, enquanto prática reflexiva, ela é múltipla, pois são várias filosofias que encontramos na história da Filosofia.

Nesse sentido, cabe ao(a) futuro(a) professor(a) de Filosofia ter em mente a importância de (re) pensar a concepção de Filosofia que vai seguir, pois certas concepções filosóficas trazem consigo implicações de natureza antropológica e epistemológica.

A Filosofia, nos moldes metafísicos, se apóia numa concepção essencialista de homem. Além disso, a ideia de ser a primeira ciência sempre a povoará, o que causará sérios problemas para o diálogo interdisciplinar. Em outros termos, pensar a Filosofia a partir do paradigma da metafísica trará para o(a) licenciando(a) uma compreensão de que a Filosofia é o lugar do “tribunal da razão”, epistemologicamente falando.

Por sua vez, pensar a Filosofia nos moldes de uma concepção pós-metafísica, significaria pensar o saber filosófico caracterizado por uma postura mais hermenêutica, crítica e dialógica com os demais saberes e áreas do conhecimento. Além disso, uma concepção pós-metafísica implica uma visão de homem enquanto sujeito em processo constante de construção de si mesmo, do outro, do mundo e do conhecimento.

Na perspectiva de Muhl (2003, p. 315),

Na visão reconstrutiva dos saberes de Habermas, a filosofia passa a exercer um duplo papel: deve se constituir em uma teoria crítica da sociedade e, simultaneamente, promover o processo de cooperação interdisciplinar. Seu papel crítico relaciona-se à função de mediar a relação entre o processo de entendimento presente no mundo da vida e os conhecimentos promovidos pelas diversas instâncias do saber; sua principal tarefa, neste particular, é realizar a crítica ao conhecimento científico e restabelecer o saber de fundo ligado a nossas intuições gramaticais e ao mundo da vida.

Nesta perspectiva, concordamos com Habermas (2012) que concebe a Filosofia como intérprete, como “guardiã da razão”. O seu papel junto às outras áreas do conhecimento se revestiria de um caráter transdisciplinar, já que ela não teria mais a pretensão de ser a primeira ciência. A partir desta compreensão, a Filosofia passaria a revalorizar o papel da linguagem no âmbito do conhecimento humano e filosófico. Assim, o fazer filosófico inscreve-se no âmbito das figuras do aprender, mantendo uma dupla relação com o conhecimento: epistêmica e identitária.

Segundo Dalbosco (2007, p. 39-40),

Habermas chega ao conceito pragmático-linguístico, de caráter processual e falível, de razão. É o caráter processual e interativo de racionalidade comunicativa que exige a crítica à “razão metafísica” da modernidade e a sua pressuposição básica que diz respeito a um tipo de racionalidade fundamentada por uma estrutura auto-reflexiva do sujeito pensante solitário que se debruça sobre si mesmo, pensando o mundo e a si mesmo a partir de uma atitude objetivante.

A partir desta mudança de paradigma ou deslocamento epistemológico, de uma perspectiva metafísica da Filosofia para uma perspectiva pós-metafísica, poderíamos conceber/perceber que o processo formativo implicaria uma atitude do(a) licenciando(a) em Filosofia, de forma que ele(a) pudesse perceber o papel da razão na construção de ambientes educativos mais dialógicos, críticos, interpretativos e normativos. Neste sentido, instaura-se um processo de formação mais aberto aos apelos do mundo da vida, considerando o horizonte cultural como elemento fundamental para a formação crítica e emancipatória (HABERMAS, 2014). Nesse sentido, esta nova perspectiva de Filosofia só pode radicar-se numa sociedade radicalmente democrática, em que o fazer e o pensar filosóficos inserem-se num aprendizado social e fundamentado nos princípios éticos.

Considerações finais

O Curso de Licenciatura em Filosofia da UFAL tem a função de formar professores(as)-pesquisadores(as) para a atuação no Ensino Médio, queira/deseje os(as) professores(as) do Curso ou não.

No processo de formação do(a) professor(a)-pesquisador(a) de Filosofia é essencial o desenvolvimento de experiências teóricas e práticas que possibilitem ao(a) licenciando(a) a transposição didática, ou seja, transformar o conteúdo erudito em algo acessível ao(a) aluno(a) do Ensino Médio (RODRIGO, 2009), fazendo-o(a) perceber a importância do conhecimento filosófico, ou seja, o quanto seria saboroso ter acesso a esse tipo de conhecimento no seu dia a dia.

Para isso, é necessário um(a) professor(a) bem formado(a), que eduque, oriente, acompanhe e norteie o(a) aluno(a) para um entendimento crítico sobre a realidade que o(a) cerca e sobre o aprendizado do conhecimento filosófico. Nesse processo, as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia têm desempenhado um papel importantíssimo.

Segundo Matos (2013a, p. 203), ser professor(a) de Filosofia no Ensino Médio não se resume a só ensinar, mas pressupõe o levantamento de questões essenciais: “[...] perguntar constantemente: o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.”. Nesse sentido, é importante que o(a) professor(a)-pesquisador(a) de Filosofia tenha claro a sua concepção de Filosofia, de homem, de mundo, ou seja, é necessário vencer a barreira do “obstáculo epistemológico”, como vai colocar Bachelard (1996), ou seja, não podemos ficar aprisionados à experiência primeira. Precisamos desenvolver um processo contínuo de formação e transformação identitária e epistêmica.

Referências

- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BACHELAR, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia**. Resolução CNE/CES 12. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura. 13 mar. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf. Acesso em: 30 set. 2014.
- BRASIL. CAPES. **PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. 03 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 21 jul. 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf. Acesso em: 30 set. 2014.
- DALBOSCO, Claudio Almir. **Pedagogia Filosófica: cercanias de um diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FAVARETTO, Celso Fernando. O papel estratégico da Filosofia na educação básica. In: **Revista Diálogo**. São Paulo: Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Tradução Luiz Repa. São Paulo: UNESP, 2014.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LIMA, José Anderson de Oliveira. **Ensino de filosofia: pensando e debatendo a formação dos professores de filosofia do ensino médio**. 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.
- LIMA, Walter Matias de. Considerações sobre Filosofia no Ensino Médio Brasileiro. In: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (org.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 197-205.
- MATOS, Junot. **A formação pedagógica dos professores de filosofia: um debate, muitas vozes**. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.
- MATOS, Junot. Fundamentos filosóficos do Ensino de Filosofia. In: MATOS, Junot. COSTA, Marcos (org.). **Filosofia: caminhos do ensinar e aprender**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013b. p. 23-37.

- MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Projeto PAINTER/UFAL: Ensino de Filosofia na Universidade e nas Escolas Públicas em Alagoas: história, problemas e desafios**. Maceió/AL: Centro de Educação/UFAL, 2014a. Mimeo.
- MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Estágio Supervisionado em Filosofia na UFAL: Aprendendo e ensinando sobre os caminhos da docência. *In: Anais da Semana de Pedagogia da UFAL*, 2014b. Disponível em: <http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-identificado/892-artigo-com-identifica%C3%A7%C3%A3o-SEM-DE-PED-2014.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2015.
- MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Sugestão metodológica para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. *In: Anais da Semana de Pedagogia da UFAL*, 2013. Disponível em: <http://www.semanadepedagogiaufal.com.br/>. Acesso em: 08 set. 2014.
- MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Projeto PAINTER/UFAL: Possibilidades e Desafios para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio na Rede Pública de Alagoas: Mapeamento sobre a formação e atuação dos professores, conteúdos ministrados, metodologias e recursos didáticos utilizados**. Maceió/AL: Centro de Educação/UFAL, 2012. Mimeo.
- MUHL, Eldon Henrique. **Habermas e a Educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- OLIVEIRA, Ruslane Bião de. **Projeto PIBID/Sub área de Filosofia**. Maceió: Curso de Licenciatura em Filosofia/UFAL, 2011. Mimeo.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).
- RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino de filosofia**. Campinas, SP: Autores 2009. (Coleção Formação de Professores).
- SANTOS NETO, Artur Bispo dos. **Universidade, ciência e violência de classe**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Filosofia**. 2006. Disponível em: http://www.ichca.ufal.br/graduação/filosofia/wp-content/uploads/PPC_Filosofia_Licenciatura.pdf. Acesso em: 08 set. 2014.

Recebido em: 04.06.2020

Aprovado em: 03.07.2020

Para referenciar este texto:

LIMA, José Aparecido de Oliveira; MELO, Elizabete Amorim de Almeida. A formação do licenciando em filosofia na Universidade Federal de Alagoas/UFAL. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 13, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2020.